



Mindlin (E), Bardella e Antônio Ermírio criticaram a Carta

Empresários temem maior recessão

São Paulo — A certeza de um agravamento da recessão: essa foi a reação de seis dos dez líderes empresariais mais votados na pesquisa feita pela revista **Balanco Anual da Gazeta Mercantil**, à Carta de Intenção que o Governo brasileiro enviou ao Fundo Monetário Internacional (FMI).

Os empresários Antônio Ermírio de Moraes, Abílio Diniz, José Mindlin, José Ermírio de Moraes, Cláudio Bardella e Jorge Gerdau Johannpeter consideraram as metas preocupantes e manifestaram pessimismo com relação à média de inflação de 5% ao mês, estabelecida para o último trimestre deste ano. "Isto é para daqui a alguns dias e não existe nenhuma medida que indique o cumprimento desta meta", afirmou o empresário Abílio Diniz (Grupo Pão de Açúcar). Num discurso de improviso, Antônio Ermírio de Moraes (Grupo Votorantim) escolhido pela quinta vez consecutiva o **Empresário do ano** (obteve 26,59% de um total de 10 mil 243 votos em todo o País), resumiu a Carta de Intenção ao FMI de forma irônica, lembrando anedota de um suposto diálogo entre uma turista francesa e um vendedor de cocos em Salvador, Bahia.

— *Comment s'appelle?*

— *Isto não se pela, se descasca.*

— *Comment?*

— *Com a mão, não; com a facas.*

— *Je ne comprend pas.*

— *Se não quer comprar por que me chamou?*

Reação negativa

Para Antônio Ermírio de Moraes, o Brasil não é feito só de pessimismo e "nem tudo está perdido". Depois de lembrar, em seu discurso de improviso, a Revolução Francesa, a Itália de Mussolini, a Alemanha de Hitler e a história norte-americana, "todas com derramamento de sangue", observou que no Brasil não se vê isto. Ele considerou um grave erro o fato de Pedro Aleixo não ter assumido a Presidência da República quando da enfermidade do Presidente Costa e Silva. "Se isto tivesse ocorrido, certamente estaríamos em melhores condições".

No almoço com os jornalistas, no Clube

Paulistano, os outros empresários participantes foram interpelados sobre a Carta de Intenção enviada ao Fundo Monetário Internacional. Abílio Diniz, segundo empresário mais votado (6,88% dos votos), considerou a Carta incompleta, pois falta um detalhamento maior sobre 1984. "A Carta se refere basicamente ao fechamento das contas deste ano. Não sei honestamente como eles vão fazer para reduzir a inflação de 9% a 10% ao mês para 5% neste último trimestre. Eles devem saber o que estão fazendo."

José Ermírio de Moraes (também do Grupo Votorantim) — quinto empresário mais votado — concorda que todos os pontos estabelecidos na Carta ao FMI são difíceis de serem cumpridos, "a não ser que o País seja colocado em depressão como a de 1929 nos Estados Unidos, com favelas no Central Park. Pelo jeito, aqui já começou, pois já temos favelas até no Parque do Ibirapuera, pura utopia tudo isto".

José Mindlin (Metal Leve) definiu as metas da Carta como "preocupantes e com inevitáveis conseqüências no quadro recessivo". Sobre a meta de inflação, considerou "impossível se afirmar hoje a febre que o doente terá em 1984".

Cláudio Bardella (Grupo Bardella) vê como conseqüências inevitáveis no cumprimento dessas metas um aumento da inflação, aprofundamento da recessão e um panorama ruim para o País nos próximos dois anos e meio.

Jorge Gerdau Johannpeter (Grupo Gerdau) não acredita no cumprimento das metas de inflação para o último trimestre deste ano e considera difíceis os itens assumidos para 1984.

O banqueiro Amador Aguiar (Bradesco) justificou sua ausência no almoço afirmando que é "avesso a este tipo de reunião". Luís Eulália de Bueno Vidigal Filho (Cobrasma), que caiu do segundo lugar em 1982 para o quarto lugar este ano, enviou um telegrama de agradecimento, comunicando que havia assumido compromisso inadiável. Também Mário Garnero (Brasilinvest) informou que havia assumido compromissos inadiáveis e Olavo Setúbal (Banco Itaú), colocado entre os mais votados, está em viagem pela Europa.